LIVROS

Alfredo Stodhart

O "Ulysses", de James Joyce (1882-1941), uma das obras-primas da literatura moderna, "verdadeira "summa" de 30 séculos de cultura ocidental", resistiu por muito tempo às investidas de Jerry Wald, que em 1960, tencionando adaptar "Ulysses" ao cinema, convocou Gavin Lambert e T.E.B. Clark para o primeiro tratamento do romance, o qual seria dirigido por Jack Cardiff, ex-fotógrafo inglês, que entre outras coisas arrasou a novela de David H. Lawrence *Sons and Lovers,* escrita em 1913, e mais recentemente conseguiu fazer da cinebiografia de Sean O'Casey (iniciada por John Ford), *Young Cassidy,* algo anódino semelhante às produções rotineiras de Hollywood. Entre os conhecedores da obra joyceana (raros, embora o livro seja "best-seller") o pânico generalizou-se — Wald fôra o produtor de dois atentados contra William Faulkner, *The Sound and the Fury* e *The Long Hot Summer* — pois no mínimo as vinte e quatro horas dublinenses de 16 de junho de 1904 seriam reduzidas a uma *Peyton Place* algo "erótica", obscena até, mas sempre ajustada aos confortáveis padrões do "american way of life".

Joyce, que era um cinemaníaco — tendo em 1909 instalado o primeiro cinema de Dublin — utilizou em seu romance inúmeras das técnicas narrativas do cinema: o grande plano, o "flash-back", o primeiro plano, os "fades" e a montagem simultânea de situações. A leitura de um importante texto de S. M. Eisenstein, "The Cinematographic Principle and the Ideogram", revelará quanto há de simbiótico entre a técnica do romance de James Joyce e a narrativa cinematográfica.

O projeto de Wald foi abandonado, porém sete anos mais tarde, Joseph Strick, cineasta ligado ao movimento "underground" de New York, realizador de *The Savage Eye* e *The Balcony,* atualmente dirigindo *The Heart is a Lonely Hunter,* baseado no romance homônimo de Carson McCullers, surge com o *Ulysses*-filme, cujas relações com o romance situam-se epidèrmicamente: atôres irlandeses do Abbey Theater, diálogos no dialeto irlandês e filmagens em Dublin.

O "stream of consciousness", experiência iniciada em "Ulysses" e levada às últimas conseqüências em "Finnegans Wake" (que, aliás, não chegou a concluir, pois o título inicial desta obra era "Work in Progress"), aliada às intrincadas construções lingüísticas e mitológicas, folclóricas e históricas, tornam sua obra pràticamente intraduzível para outro idioma e para outra linguagem, como seria a do cinema.

Além disso, a imensa cultura humanística de Joyce ao ser aliada à tentativa de captação do pensamento e do sentimento humanos, no microcosmo que é Dublin, torna-se sobremodo imagística, essencialmente visual, uma vez que Joyce foi quase cego grande parte de sua vida (sofria de glaucoma) e, por essa razão, a sensação auditiva era-lhe muito importante, originando-se daí que suas palavras, conforme destacou Eliot, eram mais para serem ouvidas do que lidas.

Outro detalhe, também de importância, é o clima de delírio e sonho do livro. Enquanto Leopold Bloom, o vendedor judeu, e Stephen Dedalus, o professor-poeta, defrontam-se com um mundo real e objetivo, devido ao fluxo dos acontecimentos, surgem peculiares estados psicológicos que dão lugar a um quase delírio, em que o real é transfigurado. O solilóquio de Molly (que ocupa no filme parte muito maior que no livro), que tem trinta minutos de duração, indica a abordagem do consciente adormecido que Joyce iria ampliar em "Finnegan Wake", quando os sonhos de H. C. Earwicker são expostos pelo autor de "Ulysses" sob uma forma caótica que a bem poucos foi dada a possibilidade de decifrar.

O próprio Joyce manteve entendimentos diretos com alguns produtores, porém a nenhum dêles concedeu os direitos de filmagem (os quais foram vendidos há quatro anos atrás a Joseph Strick por 75 mil dólares), consciente de que a sua moderna *Odisséia* ainda teria que esperar algum tempo para encontrar o seu correspondente cinematográfico, do qual o filme em questão está bem longe de aproximar-se. A película de Strick não faz justiça à importância do livro, que merece um diretor de maior estatura criativa, pois reduzia "Ulysses" a uma forma condensada, em que mesmo a analogia narrativa com a obra de Homero (Stephen-Telêmaco, Bloom-Ulysses e Molly-Penélope) seria aceitável, porém o filme permaneceu no nível intelectual de um Ernest Hemingway, em vez de alçar-se ao de Joyce. A única analogia, um pouco distante todavia, é a venda preta usada pelo Cidadão Ciclópico.

O roteiro (Strick e Fred Haines) podou tôdas as audácias do texto, como por exemplo a discussão sôbre Hamlet na biblioteca, total e estranhamente censurada, a outra discussão sôbre retórica no jornal e, mais lamentàvelmente ainda, os estudantes de medicina do hospital-escola têm atitudes de desordeiros e não a lascívia que Joyce lhes conferiu. Leopold Bloom foi o que mais sofreu nas mãos da dupla Strick-Haines, sendo transformado num adorável desajeitado — ao nível das comédias americanas da década de '40 — perdendo a acidez de suas opiniões, expostas sempre numa linguagem viva, feroz, cômica, poética. O Bloom que sobrou é apenas um décimo do originalmente criado por Joyce. Stephen também passou pelo mesmo processo de adaptação desastrosa: as obscenidades e blasfêmias que profere estão consideràvelmente atenuadas. O bordel de Bella Cohen, onde o filme talvez pudesse revelar o clima joyceano, fantasmagórico e alucinante, torna-se apenas cômico, divertido. Mesmo o solilóquio de Molly — que a censura americana achou pesado — não resiste, se confrontado com o do livro. Talvez a época da leitura tenha passado, sendo substituída pela era do olhar, mas, o livro de Joyce resistiu: embora o filme não seja dos piores exemplares de adaptações literárias, os leitores de Joyce terão o prazer de discordar do filme e imaginar um roteiro melhor.